

O Pessoa que Dona Cleonice divulgou no Brasil

[The Pessoa that Mrs. Cleonice disseminated in Brazil]

Ida Alves*

Palavras-chave

Cleonice Berardinelli, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Literatura portuguesa, Crítica literária.

Resumo

Este ensaio homenageia Cleonice Berardinelli (1916–2023), figura central na divulgação e no estudo crítico de Fernando Pessoa no Brasil. Destaca o seu papel pioneiro como editora, professora e intérprete, cujo rigor filológico e cuja leitura sensível formaram gerações de alunos e investigadores. Ao revisitar as suas edições, em especial as de Álvaro de Campos, e as suas reflexões críticas, o artigo sublinha como Berardinelli aproximou as tradições literárias portuguesa e brasileira, garantindo a presença duradoura de Pessoa na vida académica e cultural do Brasil.

Keywords

Cleonice Berardinelli, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Portuguese literature, Literary criticism.

Abstract

This essay pays tribute to Cleonice Berardinelli (1916–2023), a central figure in the dissemination and critical study of Fernando Pessoa in Brazil. It highlights her pioneering role as editor, teacher, and interpreter, whose rigorous philological work and sensitive readings shaped generations of students and scholars. By revisiting her editions, especially of Álvaro de Campos, and her critical reflections, the article underscores how Berardinelli linked Portuguese and Brazilian literary traditions, ensuring Pessoa's enduring presence in Brazilian academic and cultural life.

* Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense – UFF.

O ano de 2023 começou, no Brasil, com um horizonte mais largo e iluminado, após termos enfrentado quatro anos lutosos, e não somente pela pandemia e perdas que todos vivenciamos. Porém, exatamente no final de janeiro, em meio à alegria da vitória de um outro projeto para o país, recebemos a triste notícia: a professora Cleonice Berardinelli, Dona Cleo, para seus alunos, partira em definitivo, senhora de 106 anos¹ tão bem vividos e, para nós, inesquecíveis.

Treze anos antes, participávamos de uma grande festa à sua volta, pois a professora emérita tomava posse, aos 93 anos, na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, da Cadeira nº 8, cujo patrono era o poeta árcade Cláudio Manuel da Costa, e o fundador, o poeta parnasiano Alberto de Oliveira, que Dona Cleo conhecera em criança, recebendo dele um poema dedicado, como gostava de nos contar.

Na Academia, Cleonice Berardinelli era a mais longeva e a mais acarinhada, não só porque alguns dos acadêmicos (seis) tinham sido seus alunos, como era impossível não ficar seduzido por sua presença calma, sua elegância natural, seu sorriso sempre jovem e uma equilibrada vaidade de quem muito viveu e teve a oportunidade de conviver com figuras extraordinárias da cultura brasileira e portuguesa, como o seu colega de universidade e amigo, o poeta Manuel Bandeira², de quem se recordava sempre com imenso afeto, admiração e muitas histórias, ou Eduardo Lourenço, com quem partilhou tantos encontros e diálogos.

Não havia pessoa que lhe fosse indiferente. Para além do profundo conhecimento das literaturas de língua portuguesa, era sempre muito prazeroso ouvi-la a contar suas memórias, os poetas que conheceu e os professores que a trouxeram para a literatura portuguesa. Esses, aliás, ela venerava, ao lembrar o seu percurso de formação universitária³, primeiro na Universidade de São Paulo (cidade para onde seu

¹ Cleonice Seroa da Mota (Berardinelli, por casamento) nasceu em 28 de agosto de 1916, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Seu nome era predestinado. O *Dicionário onomástico e etimológico da língua portuguesa* (MACHADO, 1993: 424), de José Pedro Machado, registra que é nome de origem grega, *Kleonikē*, formado pela união das palavras *Kléos* (glória) e *nike* (vitória), com pronúncia transformada pelos romanos. Portanto, o nome Cleonice significa, na origem, “gloriosa pelas vitórias, famosa por vencer, a que alcança a glória da vitória”. Não poderia haver nome mais de acordo para essa nova vida que se iniciava num momento tão conturbado da história mundial e existiria tão plena e admiravelmente ao longo do século XX, chegando até 2023, sempre marcada por vitórias e glórias.

² Na juventude, ao retornar ao Rio de Janeiro, foi participar no Teatro Estudantil, atuando num auto de Gil Vicente, como o personagem “Anjo”. Sua interpretação seria vivamente elogiada exatamente por Manuel Bandeira, que assistira à peça sentado na primeira fila. Iniciava-se aí uma amizade até a morte do grande poeta, que fora também professor de literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia, origem da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual Cleonice Berardinelli construiu sua vida universitária.

³ Muito jovem, adorava matemática, pensou fazer engenharia; gostava também de música, poderia ter se tornado uma “virtuose do piano”, como pensava o maestro Oscar Lorenzo Fernandez (fundador do Conservatório Brasileiro de Música, em 1936) que lhe ofereceu sua orientação, mas foi ao curso de Letras Neolatinas que se dedicou, na USP, Universidade fundada em 25 de janeiro de 1934, onde teve a oportunidade de estudar com um conjunto notável de professores e pesquisadores estrangeiros

pai, militar, levava a família), na qual se graduou em Letras Neolatinas em 1938. Ali se tornará aluna diletta do professor Fidelino de Figueiredo (1888-1967), exilado de seu país por oposição ao Salazarismo. Foi convidada por ele para ser sua assistente de literatura portuguesa, mas o pai militar traria a família de volta ao Rio de Janeiro em 1943. No Rio, passou a frequentar a Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) e, em 1944, tornou-se assistente do professor catedrático de literatura portuguesa, Thiers Martins Moreira (1904-1970), iniciando sua primorosa carreira universitária.⁴

Hoje, graças à Internet, há a possibilidade de assistir a vídeos com Dona Cleo em diversas entrevistas e conferências. Em diferentes momentos, refere que foi o professor Thiers Martins Moreira que a apresentou a Fernando Pessoa:

O Thiers chegou para mim com um livrinho na mão e disse: Cleonice, o que você acha desse poeta? No título, li *Poesia de Fernando Pessoa*⁵. Respondi: Eu não sei quem é. Ele então declarou: uma grande falha na sua formação! Leve para casa e leia. E eu comecei a ler e gostei. Foi assim que Fernando Pessoa entrou na minha vida, pelas mãos de Thiers Martins Moreira.⁶

Sem dúvida, Cleonice gostou do poeta português, tanto que fez sobre ele sua tese de livre-docência, *Poesia e Poética de Fernando Pessoa* (1959), que outorgou a ela o título de doutorado, a segunda tese no mundo sobre o poeta de *Orpheu*. A primeira, como sabemos, foi de Jacinto do Prado Coelho, com seu trabalho seminal *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, impresso pela primeira vez em 1949. Numa dessas entrevistas, Dona Cleo chega a comentar que poderia ter conhecido pessoalmente o poeta. Quando Pessoa faleceu, ela tinha 18 anos; no entanto, estavam em terras diferentes. Isso não impediu o entusiasmo por sua obra: “Eu gosto de vê-lo à distância”.

Nesse sentido, a professora brasileira tornou-se uma referência incontornável: docente universitária de literatura portuguesa, filóloga, ensaísta e editora. Em 1942, proferiu sua primeira conferência⁷: “Excursos do poeta n’Os Lusíadas”; de 1944 a 1958, foi professora assistente da UFRJ; em 1959, apresentou *O Poeta Fernando Pessoa*; de 1959 a 1983, tornou-se professora adjunta; de 1983 a 1986, professora titular e, a partir de 1987, professora emérita; nas décadas de sessenta e setenta, foi professora

então contratados para a nova Universidade, como Rebelo Gonçalves (um dos maiores filólogos e lexicógrafos da língua portuguesa do século XX), Pierre Hourcade (ensinou literatura francesa na então recente Faculdade de Filosofia até 1938), Michel Berveiller (ensinou literatura greco-latina), o português Fidelino de Figueiredo e o poeta italiano Giuseppe Ungaretti.

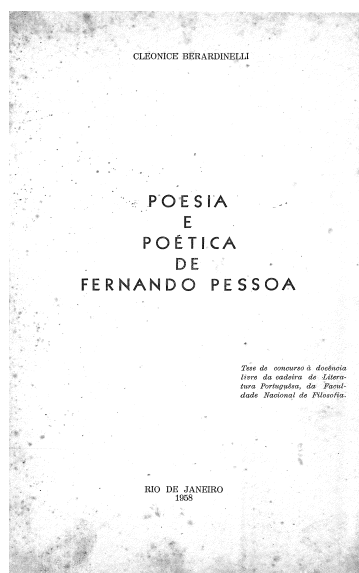
⁴ Entre as muitas homenagens e honrarias recebidas, destaque-se, em 1966, que Portugal concedeu-lhe a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique e, em 2016, a Grã-Cruz da mesma Ordem.

⁵ Havia sido organizada por Adolfo Casais Monteiro, primeira edição de 1942.

⁶ http://cdn.avivavod.com.br/vodlab/pt/dialogos/50741/legendagem_cleo.pdf transcrição de uma dessas entrevistas eletrônicas; outra, em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGEkjSCmIWs>.

⁷ O currículo da referida professora pode ser verificado aqui: <http://lattes.cnpq.br/1860929687731797>.

do Instituto Rio Branco⁸, de pós-graduação na Universidade Federal Fluminense (aprovada em primeiro lugar no concurso para titular de Literatura Portuguesa), na Universidade Católica de Petrópolis, na Universidade Santa Úrsula e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ). Além de tudo isso, no exterior, na década de oitenta, foi professora visitante da Universidade de Lisboa e da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara; de 1962 a 1982, foi também produtora radiofônica, conduzindo, na rádio Ministério de Educação e Cultura, o programa intitulado: *Camões: Poeta de Todos os Tempos*. Em seguida, a partir de 1969, iniciou sua atuação na recente pós-graduação regulamentada em Letras na UFRJ.⁹



Introdução	1	II - Processos poéticos	
Os temas		Alteração	
I - A <i>obra de além</i>	6	Restrição	
O mistério do mundo	9	Numeração	
A ideia da morte	15	Strutura dos poemas	
A angústia metafísica	17	III - <i>Stilo e métrica</i>	
II - A <i>reflexão do desconhecido</i>	22	Poemas certificados (volumes I e V)	
O vício de pensar	22	Ricardo Reis	
A ausência de Deus	26	Alvaro de Campos	
A fugacidade da vida	29	Alberto Garcia	
III - A <i>forma do real</i>	47	Conclusão	
O sonho	47	Bibliografia	
A infância	53	Notas explicativas	
O adiantamento	59		
IV - <i>Nada vale a pena</i>	63		
Abulia e cansaço	64		
Tédio e solidão	69		
As constantes			
A noite	70		
O mar	80		
Portos e mares	96		
O vento	109		
A chuva	112		
A névoa	118		
O silêncio	122		
O frio	127		
Presença da ausência	130		
<i>Língua e estilo</i>			
I - <i>Idiomas</i>			
Substantivação			
O adjetivo			
O advérbio de modo e o adjetivo atributivo			
O verbo			

Figs. 1, 2 e 3. Folha de rosto e sumário completo da tese e Dona Cleo.
Fonte: Acervo Cleonice Berardinelli no Real Gabinete Português de Leitura.¹⁰

A paixão pela sala de aula era visível no modo como se dedicava ao ensino e no trato com os alunos, no entusiasmo de suas leituras, dando-nos a conhecer os Cancioneiros Medievais: Gil Vicente, António Ribeiro Chiado, Padre António Vieira, Bocage, Alexandre Herculano, Garrett, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Eça de Queirós, Antero de Quental, Cesário Verde, Camilo Pessanha, Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, Maria Judite de Carvalho, Helder

⁸ O Instituto Rio Branco foi fundado em 1945, no âmbito do Ministério de Relações Exteriores e dedicado à formação de diplomatas brasileiros. Dona Cleo foi professora desse Instituto em 1961-1962.

⁹ Em 1965, o Parecer n. 977 “conceituou, formatou e institucionalizou a pós-graduação brasileira” nos moldes atuais. “A Faculdade de Letras da UFRJ foi criada em 08/01/1968 após o desmembramento dos cursos do Departamento de Letras da antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Inaugurada a 05/03/1968, no pavilhão que abrigara a Exposição Portuguesa, localizada na Avenida Chile, no Centro do Rio, contava com um corpo de 70 docentes e 25 funcionários”. Dados disponíveis em linha: <https://portal.letras.ufrj.br/institucional/a-faculdade-de-letras.html>

¹⁰ Imagem fornecida pelo professor e pesquisador Rodrigo Xavier (UFRJ/PPLB), a quem agradecemos.

Macedo e tantos outros. Além disso, estava sempre aberta a estudar escritores mais contemporâneos escolhidos por seus orientandos de diferentes gerações para seus trabalhos de mestrado ou doutorado.

Se o seu *curriculum vitae* pode demonstrar a fecundidade de seu trabalho, os títulos de Emerência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2006), de Doutor *Honoris Causa*, pela Universidade de Lisboa, em 1996, e da Universidade de Coimbra (2013), o Diploma de Mérito do Instituto Camões – que lhe dedicou o primeiro volume da coleção Figuras da Lusofonia – e o cargo de Sócia Correspondente Brasileira da Academia de Ciências de Lisboa, atestam o inegável reconhecimento nacional e internacional por seus pares. Igualmente, as inúmeras homenagens que recebeu ao longo de sua vida, organizadas por colegas e alunos, com coletâneas comemorativas de seus 50 anos de magistério, 80 e 100 anos de vida, demonstram sobejamente como era admirada e, sobretudo, afetuosamente celebrada.

Quando tomou posse na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em 5 de abril de 2010, havia multidão para cumprimentá-la e, como lembrou o jurista, político, historiador, professor e crítico literário, Affonso Arinos de Mello Franco, no discurso de recepção, Cleonice fora professora inesquecível de alguns dos acadêmicos, tais como Ana Maria Machado, Antônio Carlos Secchin, Domício Proença Filho, José Guilherme Merquior (tão precocemente falecido) e o próprio orador, sem considerar ainda outros escritores que foram igualmente seus discípulos.

Nessa calorosa recepção, que pode ser lida na íntegra no site da Academia Brasileira de Letras¹¹, Affonso Arinos indica as muitas ações desenvolvidas por essa professora invulgar, orientadora de mais de cem dissertações e teses de doutorado, honrada com títulos no Brasil e fora do país, sobretudo em Portugal, que, pelo testemunho de grandes figuras acadêmicas e literárias, reconheceu, a grandeza do trabalho de Cleonice em prol da língua portuguesa e dos estudos literários portugueses.

Como registra Affonso Arinos de Mello FRANCO (2010), o lente em Coimbra Aníbal Pinto de Castro, a chamou “a grande senhora dessa universidade do mundo lusófono”; Ivo de Castro, da Universidade de Lisboa, com a mesma admiração, considerou que “A norma culta a que pertence a língua de Cleonice integra-se, assim, na variante nacional brasileira, ocupando dentro dela a posição mais ligada à variante portuguesa, mas, mesmo assim, dela se distinguindo” (discurso).

Luciana Stegagno Picchio escreveu sobre ela que: “dentro da nossa literatura luso-brasileira, foi sempre uma ilha. Uma ilha de cultura portuguesa dentro do mundo acadêmico brasileiro. E, na Europa, uma ilha de cultura e de doce fala brasileira dentro do mundo acadêmico português” (discurso).

¹¹ Ver em linha: <https://www.academia.org.br/academicos/cleonice-berardinelli>. As próximas citações são feitas a partir dessa fonte.

José Saramago, prêmio Nobel português disse, de sua amiga de muitas décadas, que “ela faz parte da aristocracia do espírito, essa que, sim, é necessária para a evolução da sociedade” (discurso). Lembremos também que Drummond a saudou com um poema ao oferecer o seu *Fazendeiro do Ar & Poesia*, dizendo: “[...] Com respeitoso carinho | trago pois minha oferenda | de bem humilde vizinho [...] | (a justiça é que me impele) | à genuína fazendeira | Cleonice Berardinelli” (discurso).

Se a Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)¹² tem sua fundação ligada ao *I Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*, na Universidade Federal da Bahia, no já distante ano de 1966, não podemos esquecer que à frente desse Encontro estava a professora Cleonice Berardinelli, ao lado de nomes memoráveis dos estudos portugueses, como António Soares Amora e Segismundo Spina. A professora foi ainda vice-presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, tendo sido, sem dúvida, incansável em tantas atividades.

Como constatamos, Cleonice, gloriosa pelas muitas vitórias conquistadas, mereceu, e merece para sempre, todos os louvores pelo muito que fez em prol da cultura luso-brasileira e pelo magistério em Letras, por todos que formou e se tornaram também mestres especiais, por sua paixão e engrandecimento da língua portuguesa e de suas literaturas, especialmente a portuguesa. Lembremos aqui a dicção perfeita em voz segura e suave, sua discreta elegância, a memória impressionante na declamação de poemas diversos, o fino humor, os quais tornavam suas aulas memoráveis. Todos que se interessavam pela literatura portuguesa desejavam ser seus alunos / orientandos e, no decorrer das lições, aprendiam mais do que as palavras literárias diziam, ou seja, absorviam o seu rigor analítico, a exigência no uso culto da língua portuguesa, a sensibilidade de uma leitura crítica aberta ao debate, o prazer de ensinar e a humildade singular de sempre estudar. Em sua docência cotidiana manifestavam-se vivamente a ética intelectual e o respeito ao pensamento alheio, mesmo que discordante. Mas a mestra não se eximia de apontar falhas, incongruências ou mesmo erros factuais. Sua admoestação era, porém, sempre franca, muito límpida, no desejo de garantir a justeza do estudo e de valorizar o que ouvia ou lia.

Seus cursos sobre Camões e Pessoa, seus estudos publicados, atraíam todos nós. Era rigorosa na leitura rítmica dos versos, filologicamente atenta às palavras e apaixonadamente leitora das muitas camadas do texto poético. No entanto, como também repetia em conversas informais, seu mestre Thiers Moreira, “inoculara nela o veneno de Fernando Pessoa” (cf. nota 6), e a paixão durou para sempre. Foram décadas de leitura, análise e de trabalho editorial. Nesse sentido, no mapeamento de seu currículo, registramos 113 referências a Fernando Pessoa, enquanto Camões recebe 54 e Gil Vicente 50, os seus três autores de coração. Ainda aos 90 anos, ao lado da

¹² De 25 a 29 de setembro de 2023, ocorreu o XXIX Congresso Internacional da ABRAPLIP.

cantora Maria Bethânia, recitava Pessoa e corrigia as falhas da celebrada artista baiana ao não destacar uma sílaba, ao não dar aos nossos ouvidos, com limpidez, a matéria sonora pessoana, como ficou registrado no DVD *O Vento lá Fora* (2014).

A Professora Cleonice levou adiante Pessoa¹³, apresentando-o a diferentes gerações de alunos em suas aulas no Brasil e fora do país, pesquisando-o e editando sua obra. Em 1959, publicou “Observações sobre a Língua Poética de Fernando Pessoa”, na revista brasileira *Ibérica*; em 1958, resenha a obra *Cartas a Fernando Pessoa*; em 1960, publica outro artigo intitulado “A Presença da Ausência em Fernando Pessoa”, na *Revista Ocidente*, Lisboa; em 1963, assina capítulo sobre Fernando Pessoa, em *Os Grandes Portugueses*, obra organizada por Hernani Cidade; em 1968, é curadora de uma *Exposição Bibliográfica sobre Fernando Pessoa*, com sessão em homenagem aos 80 anos do poeta; também publica no *Diário de Notícias*, em 4 de julho de 1968, “Fernando Pessoa Poeta Múltiplo”.

Adiante, começará a publicar obras de Pessoa, tornando-se a sua primeira editora brasileira¹⁴: em 1974, *Obras em Prosa*, editora Aguilar; em 1976, *Alguma Prosa*, Aguilar; em 1980, *Fernando Pessoa. Poemas*, edição da Nova Fronteira; em 1988, *Álvaro de Campos – A Passagem das Horas*; em 1999, pela Nova Fronteira, *Poemas de Álvaro de Campos*¹⁵; em 2001, *Fernando Pessoa, Poemas*, Nova Fronteira; em 2004, *Fernando Pessoa Outra Vez te Revejo*; em 2008, *Mensagem*; em 2009, nova edição de *Poemas de Álvaro de Campos*, Nova Fronteira; em 2012, *Fernando Pessoa: Antologia Poética*, Casa da Palavra e, em 2014, *Fernando Pessoa. Mensagem*, Edições de Janeiro.

¹³ Estudos de Rodrigo Xavier (UFRJ/PPLB) comprovam que, desde 1916, poemas de Fernando Pessoa foram publicados em revistas e jornais brasileiros, sobretudo no Rio de Janeiro. Ver: SOUZA, MENEZES e XAVIER (2021) e XAVIER (2020).

¹⁴ Ler artigo de Rodrigo Xavier “Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa”, publicado em *Pessoa Plural*: “[...] Cleonice Berardinelli foi escolhida como segunda autora porque foi – não apenas a primeira no Brasil – mas a primeira mulher no mundo a escrever uma tese sobre a poesia de Fernando Pessoa. Foi também a primeira investigadora a receber da Academia o epíteto de ‘pessoana’ no Brasil, além de ter sido responsável por algumas edições da obra do poeta, e organizadora das antologias mais populares da poesia de Fernando Pessoa no Brasil. Cleonice também foi provavelmente a primeira mulher brasileira a ler e transcrever muitos dos mais de 30.000 papéis da mítica arca pessoana para a sua Edição Crítica dos Poemas de Álvaro de Campos (1990). Por último, Leyla Perrone-Moisés, investigadora fundamental para os estudos pessoanos no Brasil, reconhecida pelos seus ensaios sobre a obra do poeta, em especial o seu livro *Aquém do eu, além do outro* – (1982), também foi a responsável pela seleção e introdução da primeira edição do *Livro do Desassossego* – organizada e publicada no Brasil, sendo a segunda mulher brasileira a assinar uma edição da obra do poeta” (XAVIER, 2019: 122). Em Portugal, Cleonice Berardinelli publicou, *A Passagem das Horas de Álvaro de Campos* (INCM, 1988), e *Poemas de Álvaro de Campos* (ver nota seguinte).

¹⁵ Originalmente, Cleonice Berardinelli foi responsável, em Portugal, pela publicação dos textos de Fernando Pessoa sob forma de edições críticos-genéticas: pelo volume com *Poemas de Álvaro de Campos*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, 574 p. (Série Maior); e por *Poemas de Álvaro de Campos*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, 334 p. (Série Menor). A referida edição brasileira de 1999 reproduz a edição portuguesa de 1992.

Ainda que, no Brasil, tenham destaque estudiosos incontornáveis de literatura portuguesa, que formaram tantos outros professores, a Professora Cleonice, e sua longa história de magistério, marcou indelevelmente todos nós, seja pelo convívio no cotidiano de seus cursos, seja pela leitura de seus estudos tão bem argumentados, tão cuidadosamente elaborados.

Ela uniu indelevelmente Camões e Pessoa. Se, sobre o poeta épico, defendeu a importância dos excursos, e leu sua lírica, demonstrando toda sua humanidade e o labor admirável de seus versos, sobre Pessoa, construiu um modo de leitura atentíssimo à sua “matéria-emoção”¹⁶. Ou seja, menos preocupada com a heteronímia (ou heteronimismo) como questão a decifrar, Cleonice quis compreender o labor do poeta moderno, o domínio do verso, a habilidade de construção de um universo imagético regido por duas forças opostas: dispersão e concentração. Além disso, evidenciou como a emoção pessoana se estruturava na matéria fônica de seus versos, constituindo as vozes particulares do seu drama em gente. Para compreender essa abordagem, é necessário seguir os textos que nos deu a ler, os quais representam, muitas vezes e para muitos leitores, a primeira porta de entrada para a obra pessoana.

Lembramos que, entre nós, pós anos sessenta, os dois volumes da Editora Aguilar, Rio de Janeiro, foram fundamentais, especialmente para a formação de muitos leitores pessoanos. O volume da *Obra Poética*, cuja primeira edição é de 1960 (várias reedições foram sendo publicadas ao longo de 20 anos), contava com seleção, organização e notas de Maria Aliete Galhoz, cronologia por João Gaspar Simões e introdução pela mestra brasileira Nelly Novaes Coelho. Foi com a leitura de suas páginas que nos tornamos leitores de Pessoa e, por meio delas, ensinamos nossos alunos. O segundo volume foi dedicado a *Obras em prosa*, primeira edição de 1974, com três edições até 1986; a organização, introdução e notas foram de autoria de Cleonice Berardinelli, que até aquele momento não tivera ainda a oportunidade de consultar os originais pessoanos em Lisboa. Esses dois volumes constituíram o portal mais importante para adentrar na obra pessoana e, ainda que agora novas edições tenham sido publicadas e novos horizontes críticos tenham surgido para a compreensão da obra de Pessoa, os dois volumes cor de vinho permanecem como espaço afetivo na leitura do poeta português.

Ao considerarmos todas as publicações de Cleonice Berardinelli, constatamos que Álvaro de Campos foi aquele que mais provocou seus estudos. Já Mário de Sá-Carneiro, outro poeta muito lido por Cleonice, em *Cartas a Fernando Pessoa*, escrevera ao amigo: “Álvaro de Campos, meu caro amigo, não é maior com certeza que Fernando Pessoa, mas consegue ser mais interessante do que ele” (1958-1959: 133). Isso ressoa nos trabalhos de Dona Cleo, a ponto de ela ter escolhido essa afirmação de Sá-Carneiro como a primeira epígrafe de sua edição brasileira *Poemas de Álvaro de*

¹⁶ Usamos expressão de Michel COLLOT (2018), que assim intitula seu livro *La Matière-émotion*, traduzido para o português.

Campos, publicada em 1999. Como explica na apresentação, essa edição originava-se da Edição Crítica que ela havia preparado “dentro do plano de publicação dos textos do Espólio III da Biblioteca Nacional, de Lisboa, elaborado pela Equipa Pessoa, coordenada pelo Prof. Doutor Ivo Castro” (PESSOA, 1999: XI).

Guiada pelo linguista português e por sua afirmação: “Pessoa existe nos seus papéis. [...] só resta uma forma de até ele chegar: lê-lo. Ler o que escreveu. Mas ler o que ele efectivamente escreveu” (PESSOA, 1986: 9), a professora brasileira conheceu, pela primeira vez, alguns documentos do espólio pessoano e, como ela mesma conta, “pela primeira vez, desconfiei do rigor com que se haviam preparado os textos para a primeira edição” (PESSOA, 1999: XI). De março a junho de 1987, em Lisboa, esteve diariamente na Biblioteca Nacional, “no afã de ‘ler efectivamente’ o que Álvaro de Campos havia escrito” (PESSOA, 1999: XI). Iniciava-se aí seu trabalho de crítica genética do material desse heterônimo.

Para além desses três meses, após preparação da primeira versão da edição a ser publicada, retornou a Lisboa por mais seis meses para revisão de dados e, mesmo com a edição crítica publicada pela Imprensa Nacional, a pesquisa não cessou. Não vamos descrever aqui todas as fases desse longo trabalho, as dúvidas, as questões, ou mesmo as polêmicas (cf. BERARDINELLI e CASTRO, 1993) à volta de escolhas feitas para a publicação, bem como as críticas que recebeu e às quais respondeu. O que importa salientar é a motivação que a levou a realizar tudo isso: o desejo de depurar a leitura do que o poeta realmente escrevera para que esse voltasse ao leitor de forma mais completa, com versos verificados, poemas inéditos, dúvidas de escrita evidenciadas, problemas ecdóticos transparentemente expostos, levando-a “a quebrar o que já era uma tradição pessoana – a versão divulgada pela Ática e seguida, com pequenos acréscimos, por todo os outros editores” (PESSOA, 1999: XV). Portanto, a novidade da edição era a inclusão de grande número de textos inéditos. “Outra inovação – escreve a professora – que mereceu reparo foi a minha nova leitura de duas odes sensacionistas – “Saudação a Walt Whitman” (n.º 7) e “A passagem das horas” (n.º 8) – com nova organização e adição de Textos Complementares” (PESSOA, 1999: XVI-XVII).

A edição brasileira pela Nova Fronteira reproduzia a versão da *Série Menor*, publicada em Lisboa, “na qual se reproduzem todos os poemas editados em 1990, acrescidos de outros localizados mais tarde, e ainda mais” (PESSOA, 1999: XVIII). Foi a primeira edição da poesia de Álvaro de Campos feita no Brasil, “onde, até agora, tinham sido lançadas edições bastante incompletas” (PESSOA, 1999: XXI).

Vale lembrar as diferenças que Cleonice aponta entre os principais quatro poetas-em-Pessoa, considerando os sentidos da visão e da audição. Sobre a visão, a professora explica que, após algum convívio com os textos pessoanos: “a mancha tipográfica de seus poemas aproxima-os dois a dois pela sua regularidade – quase total em Pessoa e absoluta em Reis, correspondendo a uma quase sempre ou sempre rigorosa isometria/isorritmia, ou pela sua irregularidade – quase total em Campos e

absoluta em Caeiro, equivalendo a um quase sempre ou sempre total versilibrismo” (PESSOA, 1999: XXIII)

O trabalho reflexivo de Cleonice Berardinelli sobre Fernando Pessoa estabeleceu, no Brasil, modos de ler sua obra tão vária e surpreendente. Tornou-o muito presente e provocou novas abordagens que podemos seguir em dissertações de mestrado e teses¹⁷ de doutorado, sob sua orientação, defendidas desde a década de 70 do século passado ou nos muitos estudos publicados por ex-alunos, muitos dos quais se tornaram professores em diferentes universidades do Brasil, fazendo ressoar continuamente sua voz.

Para nós, em especial, foi uma lição memorável o trabalho crítico¹⁸ que fez sobre o poema “Depus a máscara e vi-me ao espelho”. Na edição da Nova Aguilar¹⁹, lemos:

Depus a máscara e vi-me ao espelho. –
Era a criança de há quantos anos.
Não tinha mudado nada...
É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que foi
A criança.
Depus a máscara, e tornei a pô-la.
Assim é melhor,
Assim sem a máscara.
E volto à personalidade como a um término de linha.

(PESSOA, 1981: 326-327)

¹⁷ Carlos Antonio Pittella de Souza Leite, *Gramática da União em Fernando Pessoa* (2008), Dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Rosalba Lopes Gama, *Fernando Pessoa: um foco emissor abstrato sensível* (2004), Dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Paulo Roberto Sampaio Fraga, *Ricardo Reis: uma leitura do heterônimo neoclássico de Fernando Pessoa* (2001), Dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; José Linhares Filho, *A outra coisa na poesia de Fernando Pessoa* (1979), Dissertação de Mestrado em Letras (Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro; Maria de Lourdes Gonçalves Alves, *Os modos do tempo em Fernando Pessoa* (1979), Dissertação de Mestrado em Letras-Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro; José Clécio Batista Quesado, *O constelado Fernando Pessoa* (1974), Dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Maria de Lourdes Gonçalves Alves, *Mens Agitat Molem: O Nacionalismo Místico Em Fernando Pessoa* (1995), Tese de Doutorado em Letras-Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Antônio Cardoso Filho, *Fernando Pessoa: A poética de uma ciência* (1989), Tese de Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tais trabalhos encontram-se depositados nos respectivos repositórios universitários (bibliotecas de Letras). José Clécio Batista Quesado publicou em livro sua dissertação de mestrado (Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976).

¹⁸ O estudo completo pode ser lido também em BERARDINELLI (2004: 291-301).

¹⁹ Em 1960, pela editora José Aguilar, Rio de Janeiro, é publicado o volume *Obra Poética* de Fernando Pessoa, que reproduz o conjunto de poemas do ortônimo e heterônimos até então publicados, em Portugal, pela editora Ática. Citamos aqui a 8.ª edição da Nova Aguilar.

A datação desse poema é corrigida por Dona Cleo, em sua edição dos *Poemas de Álvaro de Campos*, indicando 11-8-1934 (e não 18-8-1934), como consta no manuscrito do poeta. Seja como for, poema datado de um ano antes da morte de Pessoa.

Assim, Cleonice compara a versão tradicional com a que tem em mãos, no “Espólio III”, sob a cota 69-25:

[...] é um manuscrito a tinta azul, escrito de um lado só do papel. É dos mais legíveis, mas algumas palavras apresentam dificuldade de leitura: uma delas é *fica*, lida como *foi*; outra é *normalidade*, lida como *personalidade*, ambas alterando o sentido do verso. Outras divergências se encontram – menos aceitáveis porque não trazem problemas de leitura – que consistem em alterações da pontuação e do espaçamento entre as estrofes. Neste poema – que sempre me intrigou, pois não conseguia entender como o poeta tornava a pôr a máscara e ficava sem ela –, impressionaram-me, de partida, as mudanças feitas na pontuação.

(BERARDINELLI, 2005: 22)

Ao descrever comparativamente as versões e ao corrigir a leitura de determinados verbos indicados (o Prof. Ivo Castro foi quem fez a correção fundamental do poema ao trocar no 10º verso a preposição *sem* pelo verbo *ser* [sou]), Cleonice faz a hermenêutica do poema que nos interessa mais:

Se cantara “a vantagem de saber tirar a máscara”, agora diz que “torn[ar] a pô-la” “é melhor”. Assume-a: “Assim sou a máscara.” E o último verbo que emprega reitera o movimento regressivo de “tornei”, agravado num presente durativo que não se sabe quanto durará: “volto”. E volta a quê? Ao que chama “normalidade” e compara a “um terminus de linha.” Assumida a máscara, esta é a sua normalidade. A ela volta, consciente de que nada haverá a percorrer para a frente, pois ela é término de linha. Mas consciente também de que, sem a possibilidade de prosseguir, resta-lhe a de seguir pelo imaginário, retomando o caminho de volta, despindo-se da máscara que se impôs e redescobrimo a criança no passado que fica, que foi e sempre será seu. O caminho possível é o próprio poema, “calhas de roda” onde gira o “comboio de corda” da sua imaginação. A máscara será para sempre a redoma posta para preservar a criança, mas que poderá ser “deposta” cada vez que seja preciso trazê-la de novo. A máscara de Álvaro de Campos, em relação a ele mesmo, seria a face da sua idade madura, a disfarçar, talvez, o mais fundo do seu eu, a criança que foi e é.

(BERARDINELLI, 2005: 23-24)

Assim, em *Poemas de Álvaro de Campos*, edição brasileira de 1999 (poema 73), faz-nos ler o poema de outro modo, corrigindo pontuação (o uso de reticências, o espaçamento entre estrofes e os verbos “fica” / “sou”):

Depus a máscara e vi-me ao espelho...
Era a criança de há quantos anos...
Não tinha mudado nada ...

É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que fica,
A criança.

Depus a máscara, e tornei a pô-la.
Assim é melhor.
Assim sou a máscara.

E volto à normalidade como a um terminus de linha.

(PESSOA, 1999: 209-210)²⁰

Caio Glagliardi, professor de Literatura Portuguesa da USP e coordenador de um grupo de pesquisa pessoano, *Estranhar Pessoa*, publicou em 2021 na revista *Metamorfoses*, da UFRJ, um artigo intitulado “Quando o desmascarar não vai desmascarado – Carta do professor Antônio Nogueira à professora Cleonice Berardinelli”, que nos interessa referir aqui. Nesse artigo ou narrativa ficcional, o articulista assume o pensamento e a escrita de um professor de ensino médio, fingidamente nomeado como Antônio Nogueira (claramente parte do nome civil de Pessoa) que traz para a sala de aula esse poema pela versão tradicional da Nova Aguilar, interpretando-o com entusiasmo junto a sua turma. Ao saber, por um dos alunos, que existe uma outra versão, constata de forma impactante que a mudança do **sem** para **sou a máscara** derruba o edifício de sua interpretação, gerando uma crise hermenêutica. O professor defendera na aula que o **sem** a máscara determinava o paradoxo central da escrita de Campos, por isso, não podia aceitar que fosse “sou a máscara”, imagem que trazia um apaziguamento interpretativo impróprio a Campos e, como tal, depois de muita reflexão e leitura dos agora dois poemas, resolve escrever à Professora Cleonice Berardinelli, nos seguintes termos:

O que me intriga é justamente aquilo que apaziguou a sua leitura: a ausência de incômodo na atual versão. A Sra. possivelmente conhece o comentário que José Gil faz ao texto, em Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações (1987), baseado na versão “antiga” do poema. Ali, ele chama a atenção para a engenhosidade da composição a partir da ruptura de expectativa que o enunciado paradoxal “Assim sem a máscara” provoca no leitor. O duplo emprego do “Assim” produz uma falsa impressão de “normalidade” – palavra empregada no verso seguinte –, que tensiona a distinção, antes clara, entre essência e aparência. Ao chegar ao seu final, somos, imediatamente, forçados a reler o poema. E quando o fazemos, nos damos conta de que a criança, ou a infância de um modo geral, não é simplesmente um porto seguro preservado pela máscara.

(GAGLIARDI, 2021:19)

Como Dona Cleo responderia à carta do Professor Antônio Nogueira? Certamente acompanharia com toda atenção os argumentos, inclusive a análise grafológica feita pelo remetente, talvez debatesse as suas opções críticas num artigo resposta. Mas, infelizmente, a destinatária já não pode responder... O certo é que a difícil letra de Pessoa (Campos) nos deixa em suspensão quanto a isso, tornando o poema um desafio de compreensão. Não à toa, outro escritor português, Carlos de Oliveira, chamou Pessoa um “complicado pensador de sentimentos” (OLIVEIRA, 1992: 539).

²⁰ A fotocópia do manuscrito desse poema pode ser verificada em BERARDINELLI (2004: 294).

O instigante no confronto de versões desse poema é ampliar a reflexão sobre a figura da criança e sua infância não apenas na poética de Álvaro de Campos, mas para toda sua poética e prosa em desassossego. Questão que ressoa também em poetas posteriores, como Ruy Belo, para quem, “Pessoa é o poeta vivo que me interessa mais” (BELO, 2004: 337):

crianças coisas quase apenas pensadas
coisas das quais se duvida às vezes
que a gente quase não sabe se são ou não são
que ora nos parece que são ora que não são
que são vivas vítimas talvez da dúvida
crianças pouco mais do que dúvidas
que estavam que não estão aqui
que mesmo quando aqui estavam não estavam aqui
que quando muito podem talvez ter aqui estado
ao vento dentro deste verão

(BELO, 1976, do poema “Três ou quatro crianças”)

Para o ensaísta Pedro Serra, o tema da infância / da criança na escrita beliana será um foco determinante de atenção, considerando que: “A infância é a facies hipocrática da morte, ou um outro seu nome deslocado” (SERRA, 2003: 100).

Também Adília Lopes, tão contemporânea, tinha numa parede da sala de sua casa cheia de brinquedos antigos, grafado à mão, um outro verso de Pessoa: “Mas o melhor do mundo são crianças”²¹. Estar na casa de Adília é estar nessa infância da linguagem que mostra / oculta, constrói / destrói.

Contudo, isso são anotações breves para um curso e outros estudos.

O Pessoa de Cleonice Berardinelli é esse que continua a nos dizer o muito que fez, e o muito que deixou em suspenso no pensamento, no verso e na vida. Entre essas duas margens de sua produção, nossas leituras infindas e nosso pleito²² mais do que afetuoso à mestra que, um dia, afirmou: “O que eu sinto é que não vou desaparecer. Vou ficar através dos meus ex-alunos”, diremos nós: de seus muitos leitores co-movidos por seu pensamento e por sua genuína e intensa paixão literária.

²¹ Ver imagem em <https://adilialopes.webs.uvigo.es/>

²² Em 28/08/2023 foi inaugurado em espaço anexo ao Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, na Galeria dos Estuques, o Memorial Cleonice Berardinelli, que pode ser visitado com agendamento. Foi idealizado pela Professora Gilda Santos, Vice-Presidente do RGPL (responsável por seu Centro de Estudos), colega de Cleonice Berardinelli, por muitos anos, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e sua amiga pessoal. Ver <https://www.academia.org.br/noticias/abl-na-midia-o-globo-memorial-cleonice-berardinelli-conheca-curiosidades-do-acervo-que-sera>



Fig. 4. Memorial de Cleonice Berardinelli no RGPL.

Bibliografia

- BELO, Ruy (2004). *Todos os Poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2.^a ed., vol. I.
- _____. (1976). *Toda a Terra*. Lisboa: Presença.
- BERARDINELLI, Cleonice (2005). “Minha edição dos poemas de Álvaro de Campos”. *Légua & Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, vol. 4, n.º 3, Feira de Santana, Bahia, pp. 7-25. <https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1972/1347>
- _____. (2004). *Fernando Pessoa: Outra vez te Revejo...*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores / Cátedra Jorge de Sena.
- BERARDINELLI, Cleonice; CASTRO, Ivo (1993). *Defesa da Edição Crítica de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CASTRO, Ivo. (1990). *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- COELHO, Jacinto do Prado (1963). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo. 2.^a ed. refundida e acrescentada.
- COLLOT, Michel (2018). *A matéria-emoção*. Trad. Patrícia Souza Silva. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- FRANCO, Affonso Arinos de Mello (2010). Discurso de recepção [para Cleonice Berardinelli]. In *Academia Brasileira de Letras*. <https://www.academia.org.br/academicos/cleonice-berardinelli/discurso-de-recepcao>
- GAGLIARDI, Caio. (2021). “Quando o desmascarar não vai desmascarado – Carta do professor Antônio Nogueira à professora Cleonice Berardinelli”. *Metamorfoses – Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros*, vol. 18, n.º 1 [Edição Especial Fernando Pessoa], Rio de Janeiro, Cátedra Jorge de Sena / UFRJ, pp. 12-23. <https://revistas.ufrj.br/index.php/metamorfoses/article/view/50999>
- MACHADO, João Pedro (1993). *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2.^aed., vol. I.
- OLIVEIRA, Carlos de (1992). *O Aprendiz de Feiticeiro*. In *Obras de Carlos de Oliveira [Trabalho Poético – O Aprendiz de Feiticeiro – Casa na Duna – Pequenos Burgueses – Uma Abelha na Chuva – Finisterra]*. Lisboa: Caminho, pp. 409-599.
- PESSOA, Fernando (1999). *Poemas de Álvaro de Campos*. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- _____. (1992). *Poemas de Álvaro de Campos*. Volume da Série Menor da Edição Crítica de Fernando Pessoa. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1990). *Poemas de Álvaro de Campos*. Volume da Série Maior da Edição Crítica de Fernando Pessoa. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (1986). *O Manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro*. Edição fac-similada. Apresentação e texto crítico de Ivo Castro. Lisboa: Dom Quixote.
- _____. (1974). *Obras em Prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Aguilar.
- _____. (1981). *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Aguilar.
- _____. (1945). *Poesia*. Introdução e seleção de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Confluência. 2.^a ed.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1958-1959). *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática. 2 vols.
- SERRA, Pedro (2003). “Um Nome para Isto”. *Leituras da Poesia de Ruy Belo*. Coimbra: Angelus Novus.
- SOUZA, Raquel Madanêlo; MENEZES, Roberto Bezerra de; XAVIER, Rodrigo (2021). “Sobre os poemas mais publicados em vida de Fernando Pessoa (entre 1914-1934)”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 20, outono, pp. 67-446. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/n0as-rx46>
- XAVIER, Rodrigo (2020). “Fernando Pessoa em publicações periódicas brasileiras (1926, 1931, 1935)”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, primavera, pp. 543. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/s0aq-b080>

- ____ (2019). “Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 16, outono, pp. 115-148. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/k4js-tj41>

IDA ALVES. Professora titular de literatura portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação Estudos de Literatura – UFF. É Vice-coordenadora do Pólo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB), sediado no Real Gabinete Português de Leitura (www.realgabinete.com.br). É pesquisadora-bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq – Brasil e Cientista do Nosso Estado – FAPERJ. Coordena a Plataforma Páginas Luso-Brasileiras em Movimento – <http://www.paginasmovimento.com.br> e o site Escritor Carlos de Oliveira – <https://escritorcarlosdeoliveira.com.br/>. Autora e coautora de diversos livros, capítulos e artigos em revistas acadêmicas sobre poesia portuguesa moderna e contemporânea, além de estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa. Destaca *Carlos de Oliveira e Nuno Júdice, Poetas Personagens da Linguagem*, 2021; *Paisagens em Movimento Rio de Janeiro e Lisboa Cidades Literárias*, 3v, 2020-2021; *Páginas Paisagens Luso-Brasileiras Estudos Literários*, 2019; *Poesia Contemporânea e Tradição Brasil – Portugal*, 2017; *Grafias da cidade na poesia contemporânea (Brasil – Portugal)*, 2015 e *Poetas que interessam mais*, 2011.

IDA ALVES. Full Professor of Portuguese Literature at the Institute of Letters, Fluminense Federal University (UFF), Niterói, Brazil. Permanent faculty member of the Graduate Program in Literary Studies – UFF. She is Vice-Coordinator of the Luso-Brazilian Research Center (PPLB), based at the Real Gabinete Português de Leitura (www.realgabinete.com.br). A research fellow of the Brazilian National Research Council (CNPq) and *Cientista do Nosso Estado* (FAPERJ), she coordinates the platform *Páginas Luso-Brasileiras em Movimento* (<http://www.paginasmovimento.com.br>) and the website *Escritor Carlos de Oliveira* (<https://escritorcarlosdeoliveira.com.br/>). She is the author and co-author of several books, chapters, and articles in academic journals on modern and contemporary Portuguese poetry, as well as on landscape studies in Portuguese-language literatures. Notable works include *Carlos de Oliveira e Nuno Júdice, Poetas Personagens da Linguagem* (2021); *Paisagens em Movimento: Rio de Janeiro e Lisboa Cidades Literárias*, 3 vols. (2020–2021); *Páginas Paisagens Luso-Brasileiras: Estudos Literários* (2019); *Poesia Contemporânea e Tradição: Brasil – Portugal* (2017); *Grafias da Cidade na Poesia Contemporânea (Brasil – Portugal)* (2015); and *Poetas que interessam mais* (2011).